

Após 3 semanas, nada sobre o aço

Governo Federal ainda não decidiu se taxará ou não produto importado. Essa é uma condição para Usiminas se manter e não demitir

DA SUCURSAL

A demora do Governo Federal em elevar as alíquotas tributárias sobre o aço importado para proteger a siderurgia nacional tornou mais distante, na região, a expectativa de que a Usiminas deixe de suspender as atividades da Usina de Cubatão, anunciada em outubro, e adie as demissões programadas para janeiro.

O Governo não define o quadro: está com toda a atenção voltada para a ameaça de impeachment da presidente Dilma Rousseff.

No domingo, a Usiminas iniciou a paralisação da Coqueria 1 e, hoje, entrega ao presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Florêncio Rezende de Sá, o Sasá, o cronograma de suspensão das demais atividades primárias de produção de aço em Cubatão.

Segundo o Instituto Aço Brasil, o setor vive a pior crise da história da indústria brasileira do aço. É resultado da convergência de fatores estruturais e conjunturais que já levaram o setor a demitir 21.786 trabalhadores entre 2014 e este ano e paralisar ou desativar mais de 40 unidades de produção.

Conforme a assessoria de Comunicação do instituto, até agora nenhuma medida foi anunciada pelo Governo Federal para reverter esse quadro.

SEM RESPOSTAS

Em audiência em 18 de novembro, em Brasília, o ministro da Indústria e Comércio, Armando Monteiro, garantiu ao deputado federal Marcelo Squassoni (PRB-SP) que, a partir da experiência da Usiminas em Cubatão, o Governo passou a estudar uma série de medidas protecionistas para a indústria siderúrgica nacional.

“Guardamos ansiosamente a definição, por parte do Governo Federal, das medidas capazes de salvar a indústria siderúrgica brasileira”, assinala o deputado.

Após mais de um mês de conversas com sindicalistas, Ciesp, Prefeitura de Cubatão, ministros do Trabalho e da Indústria e Comércio e com o diretor presidente da Usiminas, Rômelo Erwin de Souza, o deputado é taxativo.

“Não há outra saída: ou o Governo adota medidas emergenciais capazes de frear a importação em larga escala do aço chinês e, paralelamente, estimular a exportação da produção nacional, ou não só a Usiminas, mas todas empresas do setor siderúrgico brasileiro, vão ruir, uma a uma”, pensa.

LUTA PARA NÃO FECHAR

Porém, a prefeita Marcia Rosa

Contraponto



“É preciso que a Usiminas também faça a sua parte, adiando e protelando o encerramento da produção e principalmente, as demissões”

Marcia Rosa (PT), prefeita de Cubatão

Dispensas

Segundo o Instituto Aço Brasil, o setor vive a pior crise da história da indústria brasileira do aço. É fruto da convergência de fatores estruturais e conjunturais que já levaram o setor a demitir 21.786 trabalhadores entre 2014 e este ano e paralisar ou desativar mais de 40 unidades de produção. O Governo estuda, mas ainda não decidiu, medidas de proteção.

(PT) está na expectativa de que o Governo Federal defina nos próximos dias uma política de aumento da taxa sobre o aço importado – principalmente o da China, que tem dificultado a competitividade do aço brasileiro no País.

“Nós continuamos empenhados na luta contra o fechamento da Usiminas. Há alguns dias, o Governo Federal se reuniu com o setor siderúrgico e se comprometeu a avaliar várias medidas que irão impulsionar o setor e melhorar a competitividade do aço nacional”, diz.

A prefeita afirma que essas medidas estão sendo estudadas e poderão ser anunciadas nas próximas semanas. Mas faz um apelo: “É preciso que a Usiminas também faça a sua parte, adiando e protelando o encerramento da produção e principalmente, as demissões de trabalhadores. O fechamento da coqueria não sinaliza o comprometimento da empresa em buscar alternativas à crise”, argumenta.



Sindicato dos Metalúrgicos receberá da empresa o cronograma da suspensão de atividades em Cubatão

Usiminas: siderurgia espera proteção

ANTÔNIO CRUZ/AGÊNCIA BRASIL - 26/11/15



Rômelo de Souza (acima, à dir.) propõe incentivo à exportação e barreira ao aço de fora; Squassoni (à esq.) concorda

Na mesma ocasião, segundo Squassoni, o presidente da Usiminas negou que a área da usina venha a ser futuramente ocupada apenas como terminal portuário ou transformada em um pátio de contêineres.

MAIS INFORMAÇÕES NAS PÁGINAS C-1 E C-2